

Existe Combate em Profundidade em Contra-Insurreição?

Major Lee K. Grubbs, Exército dos EUA e
Major Michael J. Forsyth, Exército dos EUA

EXISTE COMBATE em profundidade em operações de contra-insurreição? Nossas experiências como planejadores na Força-Tarefa (FT) Combinada 180 na Operação *Enduring Freedom* nos levam a dizer “sim”. Nosso treinamento prévio e educação militar nos ensinaram que a profundidade no campo de batalha era de natureza física. O Manual de Campanha dos EUA (FM) 3-0, Operações, estabelece que “a profundidade é a extensão das operações em tempo, espaço e recursos.”¹ É uma construção linear claramente definida no campo de batalha, baseada na guerra industrializada entre inimigos convencionais. Devido à pouca quantidade de material escrito sobre o combate em profundidade em um ambiente de insurreição, examinamos nesse artigo a profundidade no campo de batalha não-linear e como os planejadores podem formular resultados operacionais para derrotar as insurreições.

Um Novo Ambiente

O ambiente operacional na Guerra Global Contra o Terrorismo é não-linear e não-contíguo. O inimigo não tem fronteiras nacionais nem infra-estruturas tradicionais. A doutrina relacionada ao conceito de combate em profundidade descreve como “áreas utilizadas para afetar a configuração das forças inimigas antes destas entrarem na área aproximada.”² Os formuladores de doutrina imaginavam um sistema inimigo estruturado de forma hierárquica onde a força convencional geralmente definia o êxito, como a derrota do inimigo no campo de batalha. A aplicação profunda da força militar contra um inimigo convencional cria isolamento físico e eletrônico e diminui a flexibilidade da estrutura de comando inimigo. Também, a profundidade tem uma relação previsível com o tempo. As forças hierarquizadas do inimigo definiram

a distância entre os escalonamentos e mantiveram os sistemas militares compatíveis com as capacidades conhecidas. Assim, a área do campo de batalha que a doutrina define como profunda constitui-se em uma área e em uma estrutura previsível de tempo que capacita o comandante a formular o combate aproximado a seu favor, atacando alvos altamente compensadores.

Os alvos altamente compensadores são nódulos críticos na área em profundidade que, se atacados com êxito, paralisarão o inimigo, deixando-o vulnerável no combate aproximado. Os nódulos críticos na guerra convencional que propiciam este efeito paralisante (choque operacional) incluem depósitos logísticos, nódulos de transporte como os pátios ferroviários e centros de comando e controle.³ No entanto, o inimigo na Guerra Global Contra o Terrorismo não possui a infra-estrutura tradicional para apoiar suas forças e nem as áreas de profundidade tradicionalmente definidas. Isso nos leva a duas perguntas: O inimigo contemporâneo tem uma área em profundidade? Como as forças dos EUA irão alcançar o efeito paralisante de choque operacional nesse ambiente? Sem um conceito claro das operações em profundidade durante uma insurreição, os planejadores militares podem tentar derrotá-la empregando soluções táticas onde são necessárias ações no nível operacional.

A Área em Profundidade da Insurreição

A insurreição clássica tem uma área em profundidade no tradicional sentido físico assim como no sentido cognitivo ou psicológico. A profundidade física em uma insurreição tem um papel importante no fornecimento de logística e refúgio para os insurretos dentro de um espaço ou população disputados. Essas áreas de profundidade

Os Anéis na Guerra Convencional de Warden

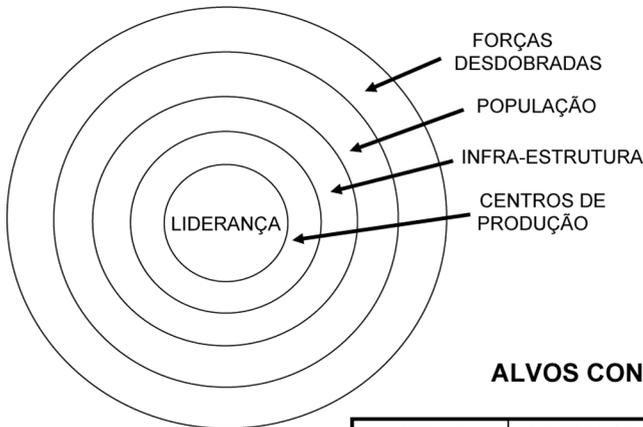


Figura 1

ALVOS CONVENCIONAIS

LIDERANÇA	CENTROS DE PRODUÇÃO	INFRA-ESTRUTURA	POPULAÇÃO	FORÇAS DESDOBRADAS
GOVERNO	ELECTRICIDADE	PONTES FERROVIÁRIAS	ELITES MILITARES	DEFESA AÉREA ESTRATÉGICA
REDE DE COMUNICAÇÃO NACIONAL	VENDA A VAREJO DE PETRÓLEO		ELITES POLÍTICAS	SISTEMAS OFENSIVOS ESTRATÉGICOS
FORÇAS DE SEGURANÇA INTERNA	CENTROS DE PRODUÇÃO DE ARMAS		CLASSE MÉDIA	

física também são as zonas de apoio utilizadas pelos insurretos para recrutar, planejar, adestrar e conduzir operações psicológicas. Negar aos insurretos essas áreas pode produzir um efeito operacional que diminua suas futuras capacidades e opções.

As características do sistema em profundidade do inimigo são substancialmente diferentes das de uma força convencional de um estado-nação. Os alvos tradicionais que podem criar um efeito operacional na área de profundidade física dos insurretos geralmente têm um uso duplo. Os insurretos utilizam os mesmos nódulos de comunicações, as vias de comunicações e os abrigos usados pela população que as forças aliadas tentam influenciar de forma positiva. A tradicional seleção de alvos com sensores remotos e fogos combinados não são tipicamente adequados à análise dos custos (custo-benefício). Por isso os alvos deverão ser escolhidos pelas forças terrestres, que são capazes de discernir entre o inimigo e a população.

As áreas em profundidade também podem ser contíguas à área disputada ou situadas a centenas ou milhares de quilômetros de distância. A irrelevância das fronteiras políticas chega a ser um ponto forte para o insurreto, enquanto a obediência estrita a essas fronteiras passa a ser uma vulnerabilidade constante para o estado-nação. Por exemplo, os albaneses de Kosovo realizaram suas

melhores campanhas de angariação de fundos e de operações de informações contra o Exército Sérvio por meio de uma diáspora na Suíça.⁴ Durante a Operação *Enduring Freedom IV*, os planejadores enfrentaram um problema semelhante. A maioria das funções críticas do sistema inimigo ocorreu nas províncias de Waziristão, Baluchistão e em outras áreas no Paquistão e alguns lugares remotos do Afeganistão. Obter resultados nessas áreas freqüentemente exigiu o apoio interagência obtido principalmente dos quartéis-generais dos grandes comandos operacionais combinados.

A história fornece vários exemplos de como se aproximar da área em profundidade física dos insurretos. As forças do governo, desde a 7ª Brigada de Cavalaria do Exército dos EUA, comandada pelo General George Armstrong Custer, até as forças coloniais francesas na África, têm empregado tropas ligeiras para executar incursões contra depósitos de alimentos e grupos concentrados de insurgentes. Esta abordagem predominantemente tática à área em profundidade dos insurretos baseia-se apenas no emprego da força militar e tenta concentrar poder de fogo decisivo contra o inimigo, mas nega o contato prolongado das forças governamentais. Uma aproximação assim à área de profundidade dos insurretos apresenta poucos efeitos a longo prazo,

Os Anéis Aplicados ao Combate da Insurreição

Figura 2



HIERARQUIA DE LIDERANÇA	ATIVIDADES FINANCEIRAS	INFRA-ESTRUTURA DE MOVIMENTO	POPULAÇÃO	INSURRETOS ARMADOS
LÍDERES DOS ESCALÕES MAIS ALTOS	AGENTES DE COMPRAS	ROTAS DE INFILTRAÇÃO	ELITES	BANDIDOS ARMADOS
SISTEMAS DE COMUNICAÇÕES NACIONAIS	DOADORES	NÓDULOS DE TRÂNSITO	CLÉRIGOS	TERRORISTAS
ESCUDO PROTETOR <small>(APOIADORES COMPLACENTES)</small>	TRANSAÇÕES BANCÁRIAS		PESSOAS COMUNS	
	LAVAGEM DINHEIRO			

porque as forças do governo não estabelecem uma presença ou influência permanente perante a população.

Nos fins do século XIX, as forças coloniais francesas na África começaram a entender a exigência para progressivamente remover a área de profundidade dos insurretos. As forças coloniais francesas introduziram o conceito de ocupação progressiva e penetração econômica combinado com o emprego da força militar e instrumentos políticos e econômicos para mudar permanentemente a condição da área em profundidade dos insurretos.⁵ As forças do Exército dos EUA empregaram um método semelhante no início do século XX durante a guerra de guerrilha nas Filipinas. O Exército utilizou “atração” e “castigo” nas áreas em profundidade dos insurretos ao combinar ações cívicas deliberadas como a construção de estradas, a educação e o melhoramento das forças locais de segurança com a ocupação de aldeias e incursões contra os líderes principais.⁶

Embora o conceito de profundidade física num sistema insurreto tenha sido bastante debatido durante prévias campanhas militares, o entendimento e escolha de alvos em profundidade cognitiva são raramente encontrados. A profundidade cognitiva não é definida em termos de espaço, mas de tempo considerável e como

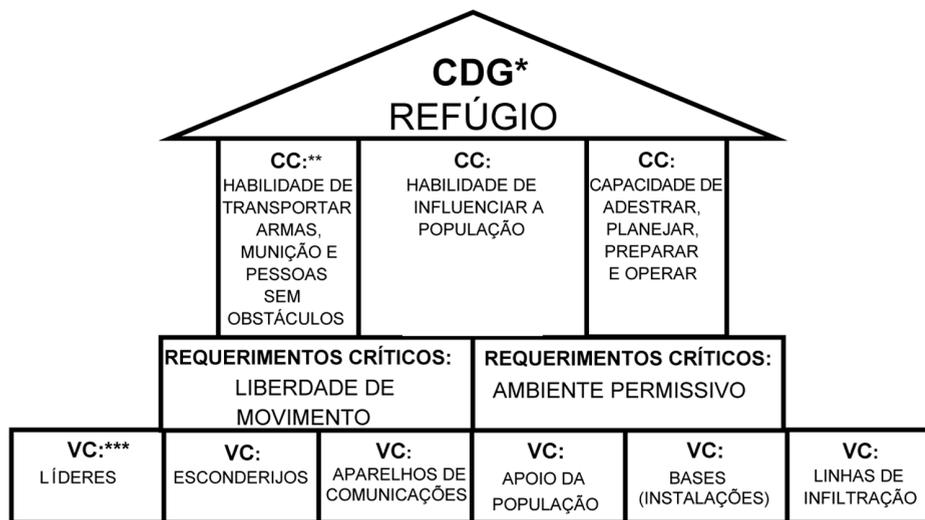
os insurretos se adaptam às forças amigas. É necessário entender como os insurretos se adaptam ao tempo para ligar adequadamente as ações táticas da força amiga aos efeitos operacionais e ao resultado estratégico.

A profundidade cognitiva tem sua base teórica no conceito de profundidade espacial e na área de influência. Quando a profundidade espacial e o tempo tinham uma relação previsível, uma área de influência proporcionava aos comandantes e planejadores a ferramenta crítica: a antecipação, que tinha o papel insubstituível na ciência de decidir, detectar, entregar e avaliar contra as forças inimigas convencionais.⁷ No entanto, as forças insurretas são mais complexas do que as convencionais, por isso, a antecipação tem perdido muito da sua utilidade.

Atacando uma Insurreição

Geralmente as forças insurretas não demonstram reações imediatas e consideráveis a um estímulo ou efeito tático que as forças governamentais procuram criar. Então, como é que uma força governamental produz um efeito desejado na profundidade cognitiva ou psicológica se as forças insurretas não demonstram uma reação imediata e considerável? As forças insurretas fazem o que os complexos sistemas biológicos fazem para

Modelo de Análise do Centro de Gravidade de Strange



*CDG: Centro de Gravidade
**CC: Capacidades Críticas
***VC: Vulnerabilidades Críticas

FIGURA 3

sobreviver — se adaptam. As forças governamentais devem concentrar-se menos na imediata reação física do inimigo e mais em como os insurretos se adaptam para descobrir novas vantagens ou reparar os danos causados à sua liderança, população ou logística.

No Afeganistão, os planejadores americanos tentaram identificar os líderes rebeldes de segundo escalão, pois caso as forças governamentais removessem os principais líderes insurretos de uma área, eles (os americanos) poderiam aumentar imediatamente a prioridade de esforço contra os líderes de segundo escalão antes que os rebeldes pudessem solidificar seu comando e controle. O prognóstico da adaptação dos insurretos à perda dos líderes principais e a subsequente ação imediata dos americanos afetaram profundamente a insurreição na área. Também, identificamos aldeias que proporcionavam apoio ao longo das principais vias de comunicações. Qual seria a reação dos insurretos se negássemos o uso de um grupo de vias de infiltração? Quais aldeias e tribos tornar-se-iam mais importantes? Afetar a profundidade cognitiva não produz uma reação, contudo mitiga as opções dos líderes insurretos antes que percebam a necessidade de se adaptar.

Se entendermos o significado de profundidade cognitiva, poderemos desenvolver métodos para paralisar o sistema insurreto ou produzir choque operacional. O Coronel John A. Warden III, um arquiteto da campanha aérea da Guerra do Golfo Pérsico, introdu-

ziu seu Modelo de Cinco Anéis (*Five Rings Model*) como uma metodologia para atacar e paralisar, de forma bem-sucedida, um sistema convencional inimigo na profundidade (Fig. 1).⁸ Uma adaptação desse modelo mostra alvos tangíveis que, quando combinados, equivalem à profundidade no espaço de combate insurreto (Fig. 2).

A liderança é essencial tanto para as forças convencionais como para as insurretas, porque propicia

uma orientação para uma resistência continuada. A insurreição é uma disputa pela simpatia da população porque fornece apoio logístico, inteligência sobre os alvos do governo e proteção tanto para procurar abrigo, como dispersar, quando necessário. A insurreição exige energia na forma de recursos, e o insurreto granjeia recursos angariando fundos e outras atividades financeiras para comprar material, informações e mão de obra. O anel externo do modelo contém forças insurretas e terroristas desdobradas. Estes anéis representam a profundidade da insurreição e oferecem um caminho para derrotá-la.

Ao utilizar o modelo da *U.S. Marine Corps University Model* (Universidade do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA), formulado por Joe Strange, para desenvolver um centro de gravidade operacional (Fig. 3), podemos determinar os alvos tangíveis e criar a linha de operações por meio das quais as forças amigas podem paralisar a insurreição.⁹ As vulnerabilidades críticas representam o ponto de entrada ou os alvos ao longo da linha de operações. Atacar simultânea e impiedosamente cada vulnerabilidade crítica nega ao inimigo as capacidades e as necessidades essenciais para continuar a combater, atingindo dessa forma o sistema e desmoronando o seu centro de gravidade operacional. Por exemplo, um centro de gravidade operacional de uma insurreição hipotética pode ser um refúgio dentro de uma população que a apóie. Teoricamente, negar refúgio impossibilitaria os insurretos de estabelecerem uma base de operações segura. Contudo, como é que podemos

desenvolver uma maneira para negar esse refúgio? A resposta jaz na identificação da profundidade do inimigo ao empregar os modelos das figuras 2 e 3.

O refúgio para transportar livremente armamentos, tropas e munição está condicionado à exigência crítica de ter liberdade de movimento dentro desse refúgio. Os líderes insurretos facilitam a liberdade de movimento ao utilizar múltiplos dispositivos de comunicações, os quais combinados constituem-se uma rede vinculada. A rede também opera dentro de uma população condescendente, permitindo que mesma estabeleça capacidades e necessidades críticas. Os líderes, a rede de comunicações e a população representam vulnerabilidades críticas. A destruição, interrupção e influência desses elementos formam uma linha de operações que pode produzir um choque no sistema inimigo, negando-lhes a liberdade de movimento (uma necessidade essencial), conseqüentemente a capacidade crítica de transportar livremente armas, pessoal e munição.

Esta linha de operações anula a capacidade inimiga de se movimentar com liberdade numa base de operações segura, atacando simultânea e continuamente suas vulnerabilidades críticas. A simultaneidade reduz a capacidade dos líderes insurretos de se adaptarem ao assalto contra o seu sistema. Assim, as vulnerabilidades críticas são os alvos físicos na esfera cognitiva que representam a profundidade numa insurreição e, finalmente, formam um caminho que podemos usar para negar-lhes refúgio.

Antecipar à Adaptação Inimiga

O planejador deve lembrar que o desenvolvimento de um conceito operacional não é um evento incomum nem uma ação tática. Os planejadores deverão formular planos de campanha que prevejam a adaptação inimiga e desenvolver ações apropriadas para evitar que ela ocorra com o passar do tempo. Somente então, uma série interligada de ações táticas, conduzidas simultânea e incansavelmente por vários meios e durante um longo período de tempo, alcançará os objetivos operacionais e estratégicos.¹⁰ Estes fatores constituem-se em uma batalha em profundidade e um entendimento cognitivo da arte operacional no combate de uma contra-insurreição; é assim que os planejadores no ambiente operacional contemporâneo podem desenvolver um conceito para derrotar um inimigo insurreto.

O combate em profundidade faz parte de uma contra-insurreição. No entanto, a doutrina atual do Exército não oferece um entendimento teórico do combate em profundidade nem uma metodologia para travá-lo. A história fornece experiências vividas por outrem que poderão ser úteis aos planejadores, no ambiente operacional contemporâneo, para aprenderem como conduzir e vencer o combate em profundidade física. Contudo a profundidade dos insurretos também está condicionada ao período de tempo e à capacidade de adaptação. Embora os exemplos históricos ainda sejam aplicáveis, os planejadores militares atuais deverão entender a natureza das insurreições enfrentadas pelo Exército. Os planejadores deverão desenvolver soluções tangíveis e planos de campanha para derrotar os insurretos na batalha de profundidade. **MR**

Referências

1. Manual de Campanha do Exército dos EUA 3-0, Operações (Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 2001), pp. 4-17.
2. *Ibid.*, pp. 4-26.
3. SCHNEIDER, James J., *A New Form of Warfare*, Military Review (janeiro – fevereiro 2000), pp. 56-61.
4. GERBER, Eve, *Who is the Kosovo Liberation Army?* Slate, 23 abril 1999, disponível em <http://slate.msn.com/id/1002637/>, acesso em 17 maio 2005.
5. PORCH, Douglas, "Bugeaud, Gallieni, Lyautey: The Development of French Colonial Warfare," em *Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age*, editado por Peter Paret (Nova Jersey: Princeton University Press, 1986), pp. 380-392.

6. LINN, Brian, *The Phillippine War* (Lawrence: The University Press of Kansas, 2000), pp. 197-2003.
7. NAVEH, Shimon, *In Pursuit of Military Excellence* (London: Frank Cass Publishers, 1997), p. 298.
8. WARDEN, John A. III, *The Air Campaign* (Lincoln, NE: To Excel Press, 2000), pp. 145-146.
9. STRANGE, Joe, *Centers of Gravity and Critical Vulnerabilities* (Quantico, VA: Marine Corps University Press, 1996), pp. 1-4.
10. Manual de Campanha do Exército dos EUA 3-0, Operações (Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 2001), pp. 2-3.

O Major Lee K. Grubbs é o subcomandante do Batalhão de Tropas Especiais da 2ª Brigada, sediada no Forte Drum, Nova Iorque. Possui o título de Bacharel pela University of Southern Mississippi, o de Mestre pelo Centro de Estudos Militares Avançados da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Exerceu várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e no Afeganistão.

O Major Michael J. Forsyth é o subcomandante do 4º Grupo da 25ª Brigada de Artilharia de Campanha, sediada no Forte Drum, Nova Iorque. Possui o título de Bacharel pela Murray State University, o de Mestre pela Louisiana State University e o de Mestre em Artes e Ciências Militares pelo Centro de Estudos Militares Avançados da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Exerceu várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e no Afeganistão.